

Uma Nova Visão da Escola Um Projecto de Formação de Professores Realizado no Concelho de Loures (1987-1990)

Manuel Brito*
Maria Paula Lança**

Introdução

Durante três anos lectivos consecutivos (1987/88 a 1989/90) a Câmara Municipal de Loures levou a efeito um projecto de trabalho no sector educativo, genericamente designado por Acções de Formação para Professores do Ensino Primário.

Nesta comunicação procuraremos, de um modo breve, fazer o relato e análise desses três anos de trabalho e sublinhar em que medida o modelo deste projecto foi original em relação a outros — já executados ou em curso, promovidos pela Administração Central ou Local.

Não estando a nível nacional significativamente alteradas as condições socio-educativas que estimularam o seu desenvolvimento em Loures, consideramos que o projecto de formação de professores e de fomento do trabalho interdisciplinar nas escolas (com recurso a áreas como a Educação Física, a Educação Musical e a Expressão Plástica), mantém plena actualidade pedagógica.

Considerando a estrutura do projecto, somos da opinião que a Câmara Municipal de Loures ao avançar para a sua concretização — no que foi seguida por outras autarquias — tinha então argumentos poderosos, não para obter «autorização» do Ministério da Educação mas para receber um efectivo apoio e uma participação da Administração Central nos custos globais, o que nunca foi conseguido e constituiu mesmo um obstáculo fundamental para o prosseguimento do

* Mestre em Ciências da Educação.

** Técnica Superior de Serviço Social. Câmara Municipal de Loures.
Boletim SPEF, n.º 5/6 Verão/Outono de 1992, pp. 47-56.

projecto três anos após o seu início — apesar dos resultados globais terem sido muito positivos.

1. *Objectivos. Características essenciais do modelo de intervenção*

Os responsáveis e técnicos da Câmara Municipal, nos seus contactos regulares com as escolas do Ensino Primário, foram frequentemente confrontados com várias questões, de que destacamos:

- a) Grandes carências de índole socio-cultural, socioeconómica e familiar em várias freguesias;
- b) Elevadas taxas de insucesso escolar;
- c) «Queixas» dos professores quanto à ausência de formação contínua e às poucas condições para o trabalho, em áreas que não estivessem «directamente» relacionadas com o clássico «ler, escrever e contar»;
- d) Conflitos vários entre as escolas e a autarquia a propósito dos espaços e equipamentos educativos (concepção estética e funcional, construção, manutenção, etc.).

A repartição do insucesso escolar, em percentagem, nalgumas freguesias do concelho era muito preocupante. A título de exemplo, citamos alguns dados relativos a freguesias que acabaram por ser incluídas no projecto:

Localidade	Média	Margem de variação
Camarate	33.4%	15.7%-64.0%
Póvoa de Santo Adrião	11.7%	8.5%-16.5%
Pontinha	18.3%	13.0%-24.0%

Referiremos igualmente que, alguns dados do insucesso escolar no concelho de Loures, eram mais elevados que os relativos às escolas primárias englobadas no primeiro ano de funcionamento do PIPSE, onde as taxas variavam de 15.6% (Beato) a 28.2% (Lumiar).

Se institucionalmente pode considerar-se o insucesso escolar como a repetência ou o abandono prematuro do sistema educativo, a abordagem deste problema pode ser feita, contudo, segundo diferentes ópticas.

Sem pretendermos desenvolver muito este assunto, diremos apenas que na etiologia do insucesso escolar encontramos factores endógenos, como a hereditariedade e factores exógenos, como a variedade e riqueza de experiências multisensoriais, psicomotoras, a afectividade, etc.

Do ponto de vista social este fenómeno é grave, pois está normalmente associado ao insucesso social e, muitas vezes, a saída para o insucesso escolar é a delinquência e a droga.

Sendo complexa a questão do insucesso escolar, são várias as abordagens possíveis em termos de diagnóstico e de terapia, mas há uma em que grande número de especialistas parece estar de acordo. Isto é, a formação em serviço e o apoio aos professores são decisivos para o sucesso de um programa destinado não só a combater o insucesso escolar, mas que também pretenda transformar qualitativamente o quotidiano educativo.

Neste sentido, um objectivo importante do programa comum das três áreas (Educação Física Educação Musical e Expressão Plástica) era que as crianças tivessem prazer em estar na escola, sobretudo as chamadas «crianças em risco» das escolas sitas em meios muito carenciados.

Esta ideia de criação de centros de interesse nas escolas (actividades físicas, música, pintura, etc.), passava por alguns pontos, de que acentuamos a modificação de atitudes e estratégias de acção dos professores dentro da escola (e não apenas na aula), promovendo o trabalho interdisciplinar e facilitando as trocas de «saberes» sobretudo entre os docentes inscritos nas «acções».

Assim, mais do que acções de formação, no sentido estrito desta expressão, a Câmara Municipal de Loures organizou verdadeiros planos de desenvolvimento das três áreas anteriormente citadas e cujas repercussões não se farão apenas sentir no universo escolar, mas certamente a médio e longo prazos na própria comunidade.

Independentemente das áreas do trabalho, o projecto tinha uma estrutura de base semelhante, de que destacamos:

- a) a melhoria nas instalações;
- b) o fornecimento de material didáctico;
- c) a documentação de apoio;
- d) a formação dos professores:
 - quinzenal (apoio aos professores nas escolas);
 - mensal (professores de uma zona de formação);
 - trimestral (professores de todas as zonas de formação).

Em princípio, cada escola era alvo de uma intervenção durante três anos. Os professores das escolas aderentes ao projecto deviam inscrever-se nas três áreas das «Acções de Formação» mas, apenas numa área em cada ano lectivo. No entanto, a partir do 2.º ano da experiência foi aberta a possibilidade da frequência de «cursos de 2.º nível» para os professores mais motivados numa determinada matéria, simultaneamente com um «curso de 1.º nível» noutra área.

Um outro aspecto comum às três áreas dizia respeito às festas infantis, isto é, pontos altos do projecto, com a mobilização de todos os professores e alunos no fim de cada período lectivo.

Os objectivos gerais deste projecto prendiam-se, por um lado, com a ideia que estava na base da sua elaboração, i.e., proporcionar a nível do

Ensino Primário um trabalho educativo global — com uma efectiva inclusão da Educação Física e das Expressões Musical e Plástica. Por outro lado, os objectivos estruturavam-se também com a natureza específica de cada área disciplinar e o seu contributo para o trabalho na turma.

Assim, relativamente ao trabalho interdisciplinar, podemos considerar como objectivo central o aumento do sucesso escolar, o que também passava por uma melhoria das crianças nos planos da linguagem, das funções cognitivas, do desenvolvimento social e emocional e das aquisições motoras.

No respeitante aos objectivos específicos do trabalho com as actividades físicas e desportivas, podemos considerar que, no essencial, centraram-se no fornecimento aos professores dos meios técnicos e pedagógicos que os capacitassem para a promoção e direcção das actividades físicas educativas a nível de classe e das festas/convívios alargadas a várias classes ou a toda a escola.

Fundamentalmente, pretendeu-se uma sensibilização dos professores para um trabalho correcto nesta área e que, nas crianças, tivesse repercussões claras em aspectos decisivos para a sua vida, tais como: um crescimento e um desenvolvimento normal; uma melhor saúde, inclusive no plano emocional; a estimulação de atitudes sociais; o aumento da disponibilidade motora; a aquisição de hábitos lúdicos e desportivos.

Relativamente ao caso da área da Educação Física, o modelo de formação assentava nalguns aspectos essenciais, resultantes de uma análise dos principais modelos de trabalho neste grau de ensino.

Assim, sendo a Educação Física de há muito uma das áreas curriculares no Ensino Primário, o seu ensino tem sido fundamentalmente atribuído ao professor da classe (generalista). Porém, verifica-se amiúde que existe uma tendência para designar um dos professores como o «especialista» da Educação Física que, no entanto, continuará a ser um generalista como os seus colegas.

A nível nacional e internacional detectam-se três grandes modelos de trabalho na Educação Física no Ensino Primário:

1. O professor «especialista» que fica com a responsabilidade sobre todas as turmas da escola, enquanto os restantes colegas têm intervalos ou realizam diversas tarefas nesses tempos lectivos. Isto faz com que as crianças só tenham na maior parte dos casos 1 sessão/semana;
2. O «especialista» que coordena a Educação Física na escola, mas os professores das classes devem igualmente ensinar a Educação Física. A adopção deste modelo tem tido resultados positivos na medida em que em muitas destas escolas as crianças têm uma sessão diária de Educação Física;
3. A Administração Central ou Local, demonstrando uma clara desconfiança nas capacidades dos docentes, coloca nas escolas moni-

tores desportivos, deixando os professores de ter qualquer intervenção na Educação Física das crianças.

O modelo de trabalho seguido no Concelho de Loures assentava na formação de um professor (ou professores) «especialista» por escola, mas que devia apoiar os restantes colegas na condução das suas aulas de Educação Física. Era, em suma, uma «formação em serviço», continuada e não como a que foi realizada por várias entidades durante muitos anos e com resultados desastrosos.

2. Desenvolvimento do projecto

2.1. Breve caracterização da situação inicial

Tivemos a oportunidade de, no início do primeiro ano do projecto, fazermos um diagnóstico da realidade nas diferentes escolas, através de visitas às mesmas e do registo dos dados fundamentais numa «ficha de escola», de entrevistas com os técnicos e autarcas.

Nas escolas inicialmente consideradas para o trabalho, só 24% tinham recintos cobertos em condições de utilização imediata e constatou-se ser necessário em grande número de casos providenciarmos instalações alternativas para o trabalho na área da Educação Física. No conjunto das escolas disponíveis para o trabalho em Educação Física assinala-se que 45% não tinham condições mínimas para estas actividades.

2.2. Estratégias e recursos

Estratégias: Procuraremos neste ponto enunciar as grandes linhas estratégicas deste projecto de trabalho, nomeadamente os objectivos, âmbito e recursos de cada estratégia.

a) Acções de formação: Um dos eixos deste projecto de trabalho, encontrava-se nas acções de formação dos professores do Ensino Primário (1.º ciclo do Ensino Básico).

Estas acções desenrolaram-se em duas vias complementares:

— Formação teórico-prática: composta pela formação mensal (por zona) e pela formação trimestral (nas quatro zonas).

A formação decorria nos centros de formação de cada zona e era organizada geralmente fora das horas lectivas dos professores.

— Apoio nas escolas: composto pelo apoio regular aos professores nas suas escolas e com os seus alunos. Pretendia-se que estas visitas tivessem uma periodicidade quinzenal e que recaíssem, sempre que possível, nos tempos que os professores destinavam para a Educação Física no horário.

Esta estratégia era, no nosso ponto de vista, decisiva para o sucesso das acções no seu conjunto e, em particular, para uma modificação das práticas educativas pela entrada progressiva das actividades físicas no conjunto das aprendizagens escolares.

A regularidade das visitas dos professores-orientadores e a sua utilização como modelo para os professores «em formação» era uma das apostas deste projecto de trabalho. Porém, em todas as visitas tentávamos que ficasse claro que o papel do orientador não era o de substituir-se ao professor da classe nas actividades físicas dos alunos, mas o de dar um apoio especializado a outro colega.

As sessões decorriam com a participação dos alunos e eram antecedidas de uma informação dos objectivos do trabalho e da sua descrição sumária. No fim da sessão efectuava-se uma análise crítica do trabalho, eram dados esclarecimentos complementares e, em muitos casos, distribuída a documentação de apoio.

b) Actividades juvenis: Um aspecto importante do trabalho prendia-se com as actividades das próprias crianças em convívios desportivos (locais) e festas (concelhias) — que designaremos globalmente por actividades juvenis. Estas manifestações desportivas deviam ser encaradas como «pontos altos» do trabalho desenvolvido pelos professores.

As actividades juvenis coincidiam, em princípio, com as acções de formação trimestral. No entanto, o desenvolvimento do trabalho (como a experiência também o demonstrou) revelou outras ocasiões oportunas para a realização das «festas», como por exemplo o «Dia da Criança», a festa da escola, a corrida do 2.º Grau, etc., e que foram realizadas a nível de escola com o apoio da equipa de trabalho de Educação Física.

c) Actividades de divulgação: A actividade mais significativa de informação junto da opinião pública das «acções de formação» foi a acção de 20 de Janeiro de 1989: Encontro «Uma nova visão da Escola».

Também consideramos neste ponto, como bem sucedidas, as actividades de divulgação: diplomas de participação (com uma mensagem aos pais no verso), bonés oferecidos às crianças nas Festas e os diplomas de frequência oferecidos aos professores nas cerimónias de encerramento das Acções.

Recursos: Humanos — A equipa de trabalho era constituída por um coordenador (responsável igualmente pela formação teórica) e 5 técnicos.

Materiais — Documentação de apoio com duas intenções principais: a formação de professores (manuais, textos de apoio, fichas de trabalho e diplomas de frequência) e as actividades juvenis (desdobráveis, livros de regras, diplomas de participação). *Instalações:* conforme assinalámos anteriormente, o panorama no que diz respeito a instalações escolares adequadas às actividades físicas, apresentava algumas carências. No entanto, estávamos certos que este problema, para ser devidamente

equacionado, implicava um estudo intersectorial — que devia ser elaborado a nível da Câmara, tendo em vista uma melhoria significativa a médio prazo e por fases, nas infra-estruturas desportivas e recreativas escolares. As tentativas para a sua concretização foram bastante frustrantes. Face aos dados que possuíamos no domínio dos espaços escolares (levantamento prévio), o trabalho orientou-se para a definição de prioridades relativamente a novas instalações (em escolas a construir ou já construídas) e/ou beneficiações nas já existentes. *Equipamento*: o estudo que efectuámos sobre a situação nas escolas levou-nos à conclusão que as aquisições de equipamento deviam ser feitas segundo duas grandes linhas:

- 1) Materiais portáteis (arcos, cordas, bolas, raquetas, etc.) para todas as escolas, mas com uma distribuição proporcional ao número de alunos ou à capacidade previsível de utilização;
- 2) Materiais fixos ou semi-fixos (pórticos, paralelas, escadas, tabelas, balizas, etc.). Neste caso, havia duas situações possíveis.
 - a) a escola tem recintos (cobertos ou descobertos) com possibilidade para se instalar imediatamente o material e então pensamos que se devia fornecer prioritariamente balizas e tabelas de basquetebol;
 - b) a escola não tinha recintos e, mesmo sendo possível nalguns casos a utilização de instalações alternativas, a escola devia ser equipada rapidamente com equipamentos como os pórticos e as escadas horizontais, pois este tipo de equipamento permite uma variedade muito rica de experiências perceptivas e motoras, em materiais de diferentes texturas, cores, formas e dimensões.

Financeiros — os meios postos ao dispor deste projecto foram exclusivamente da Câmara Municipal de Loures. Para se ter uma ideia do empenhamento da autarquia assinala-se que ao longo dos três anos de duração do projecto foram despendidos cerca de 40 000 000\$00 no conjunto das três áreas (valores de há três anos)

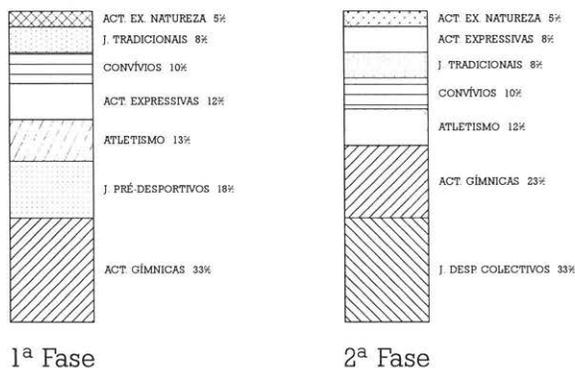
2.3. Aspectos metodológicos e programáticos

As escolas com professores inscritos nesta área ficaram agrupadas por zonas de trabalho. Estas, eram as unidades funcionais do nosso trabalho — i.e., das actividades com as crianças à própria formação dos professores.

Mas, cabe-nos neste ponto, uma referência às grandes linhas programáticas deste projecto, para se compreender melhor o seu alcance e profundidade.

2.3.1. Programa pedagógico

As actividades com maior incidência ao longo do trabalho foram a ginástica (padrões motores de movimentos caracterizados por factores como a coordenação, força, flexibilidade, agilidade, velocidade, etc.); os jogos pré-desportivos (introdução das técnicas individuais e movimentações colectivas elementares); os jogos desportivos simplificados (na versão «mini» e como actividade competitiva formal) e as corridas.



Repartição das actividades

2.3.2. Programa de formação teórico-prática

Os temas abordados nas sessões mensais e trimestrais foram:

Introdução às actividades físicas e desportivas; objectivos essenciais de um programa de trabalho; aprendizagem e ensino, estilos de ensino; condicionamento, reforço, atenção, memória, motivação; a aprendizagem motora; o ensino de uma destreza; a pedagogia das actividades físicas; a comunicação; a elaboração de um plano de trabalho (ciclo, unidade, etc.); organização e gestão das actividades físicas e desportivas; as etapas do desenvolvimento (2.^a e 3.^a infâncias); a fisiologia das actividades físicas; primeiros socorros.

2.3.3. Apoio às escolas e professores

No início de cada período era enviado para todas as escolas o calendário de visitas dos professores-orientadores.

A partir do 2.^o ano de trabalho os professores-orientadores dirigiram a sua atenção em duas grandes direcções: o apoio aos professores «em formação» e, sempre que possível, o apoio aos professores «formados», i.e., os que nos anos anteriores frequentaram esta área de formação.

Além disto, como já referimos, estavam disponíveis para apoios pontuais (festas escolares, nomeadamente), que surgiam por iniciativa das próprias escolas.

3. *Avaliação*

Para uma correcta utilização dos recursos financeiros e físicos do projecto, bem como da sua própria eficácia interna, todo o trabalho foi sistematicamente acompanhado em termos de avaliação contínua, através de reuniões semanais, relatórios e fichas.

Pretendíamos igualmente que houvesse com regularidade reuniões de avaliação interdisciplinar para um eventual reajustamento dos objectivos e das estratégias de cada área de trabalho. Mas, tal objectivo foi deficientemente cumprido, sendo poucas as reuniões de coordenação entre as áreas — o que dificultou sobretudo os aspectos da articulação interdisciplinar (horizontal e vertical).

A avaliação do cumprimento dos objectivos fez-se através da observação e do registo formal do tipo de participação dos professores durante as sessões de trabalho em cada escola (quinzenais), nas sessões teórico-práticas (mensais e trimestrais) e no seu empenhamento na concretização das festas desportivas.

Considerámos igualmente como muito importante para a avaliação do nosso trabalho, as discussões tidas regularmente com os professores em formação, sobretudo as realizadas no final de cada período, onde nos foram fornecidos preciosos «feedbacks» sobre a nossa actuação e o ritmo necessário para a concretização dos principais objectivos do projecto.

A discussão regular no seio do grupo, dos diferentes problemas e dos vários professores (suas dificuldades, pontos fortes, motivações, ritmos de aprendizagem, etc.), proporcionou uma avaliação contínua das diversas etapas do trabalho e um elevado grau de concordância entre os componentes da equipa.

4. *Conclusões*

Sendo difícil apresentarmos sucintamente resultados, tentaremos apontar os mais significativos. Assim, no que respeita aos professores:

1. Verificou-se em muitos uma grande dificuldade para ultrapassar alguns bloqueamentos na relação pedagógica, quando não dominavam suficientemente os conteúdos;
2. Nalguns professores verificou-se inicialmente uma certa «postura académica» no acolhimento das nossas informações e propostas,

detectável pelo tipo de questões que nos colocavam ou até, o que era mais preocupante, pela sua ausência. Frequentemente não se vislumbrava um sentido prático no esclarecimento de alguns factos;

3. Verificou-se nalguns casos, sobretudo entre os professores que se inscreveram no 2.º ano do projecto, uma atitude passiva na condução da classe, assinalável no facto de não virem, como os alunos, equipados para a sessão com o professor-orientador;
4. Nalguns casos era um tanto duvidoso o exercício regular de actividades, no período que medeava as visitas dos orientadores;
5. Em resposta a um inquérito, os professores assinalaram de forma clara que as «Acções de Formação» permitiram uma melhor relação autarquia-escola-professores, bem como demonstraram a importância das actividades físicas no «bem estar» dos alunos nas escolas;

Relativamente aos alunos:

6. Por mais difícil que seja a sua origem social e cultural, era evidente a sua fortíssima motivação, sendo prova sinais como: a agitação que antecedia a sessão, o facto de ser progressivamente maior o número dos que vinham equipados, serem ciosos das informações que lhes dávamos, (ao ponto de se esbater a natural inquietude), serem mais solidários e cooperantes e menos agressivos nas actividades de grupo, interpelarem o professor para esclarecer e corrigir situações menos claras, etc;
7. Estamos convictos que as crianças foram mais responsáveis por uma prática frequente do que a das visitas dos orientadores, na medida em que pressionavam e chamavam a atenção dos professores para o cumprimento do plano de trabalho — assumido perante os orientadores;
8. Verificaram-se com frequência casos de alunos a quem estas iniciativas resultaram numa maior aproximação da escola e dos professores, especialmente em situações de relação distante ou tensa;
9. Em classes com muitos alunos com dificuldades de aprendizagem, existia claramente a necessidade de os alunos terem sucesso nalgumas tarefas — que podiam ser as desportivas. Alunos com fraca assiduidade retomavam a frequência normal ou pelo menos, nunca faltavam nos dias de sessão (referido por 79% dos professores inquiridos). Havia outros alunos que, pela origem étnica tinham dificuldades no domínio da língua portuguesa e, portanto, muito fracos na expressão oral. Para estes, a Educação Física foi uma forma de mediação gratificante e, portanto, facilitadora da sua integração social e escolar.